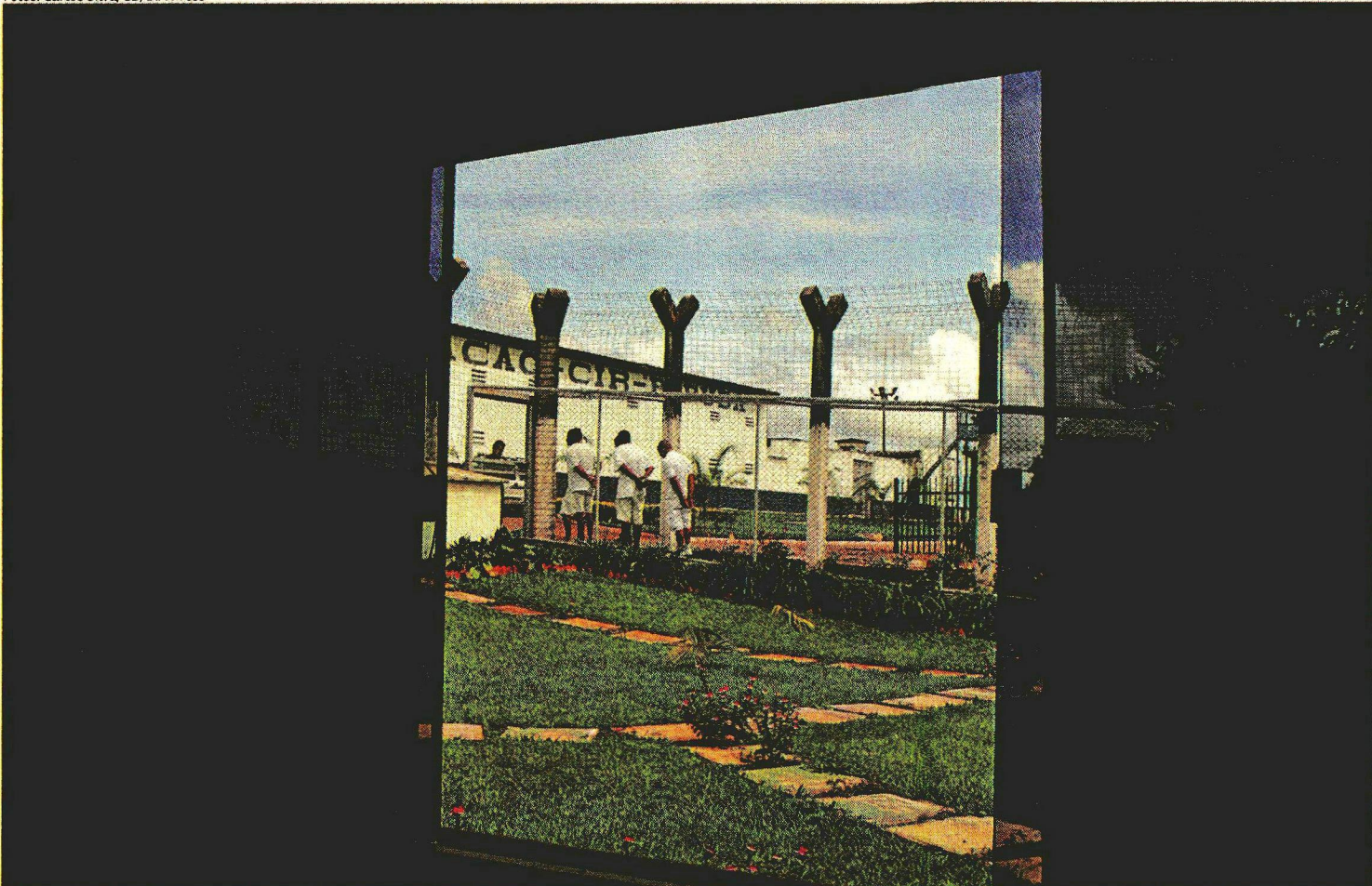


# Avistando o perigo

Diante da vista da entrada do complexo penitenciário, o diretor Márcio Freitas sabe que não pode relaxar. A população do local, de 9,4 mil detentos, é 62% maior do que a de cinco anos atrás

Fotos: Carlos Silva/CB/D.A Press



» LARISSA LEITE

Márcio Marques de Freitas, diretor do Centro de Internamento e Reeducação (CIR) do Complexo Penitenciário da Papuda, não trabalha por acaso em uma sala com três amplas janelas. Faz 11 anos que ele está no cargo, e há cinco ocupa o escritório atual: "Quis uma sala onde eu pudesse ver movimento humano. Queria enxergar o presídio por uma perspectiva real", diz Márcio. Mesmo sentado, atrás de sua mesa, o diretor tem a visão de

todo o prédio que abriga o CIR e, em especial, do portão de entrada. "Vejo tudo e todos que entram e saem, tudo o que diz respeito à segurança do presídio", completa.

A vigília, para o diretor, é a principal virtude de quem cuida de um complexo penitenciário. "A rotina nos engole. Se começo a achar que tudo está muito calmo, tenho um problema. De madrugada, existe aquela quietude, o canto da coruja. Mas estou sendo pago para vigiar." Questionado se a fuga de seis detentos do complexo, no mês passado, alterou os procedimentos do local, o diretor se resumiu a citar o papel da atenção no ocorrido: "A Penitenciária do DF 2, de onde os presos fugiram, foi construída

para ser a mais moderna possível, mas depende do ser humano. De nada adianta toda a segurança se as janelas dos olhos não estão atentas".

O Complexo Penitenciário da Papuda abriga cerca de 9,4 mil internos, dos quais 1.200, aproximadamente, encontram-se no CIR, um presídio de segurança média destinado a presos que cumprem pena em regime semiaberto. A maioria dos presos do complexo, que conta com cinco unidades prisionais além do CIR, são pardos, têm entre 18 e 24 anos, não completaram o ensino fundamental e foram condenados a penas entre oito e 15 anos. Atualmente, os detentos não encontram condições

**"A rotina nos engole. Se começo a achar que tudo está muito calmo, tenho um problema. De madrugada, existe aquela quietude, o canto da coruja. Mas estou sendo pago para vigiar"**

adequadas nas instalações: as celas do complexo abrigam em média 18 internos, embora tenham sido construídas para comportar no máximo oito.

Há nove anos, o lugar abrigava 5,8 mil detentos. De lá para cá, Márcio foi testemunha ocular do crescimento no número de internos, que hoje extrapola em mais

de 3 mil vagas a capacidade dos seis prédios do complexo. Para o diretor, não existe uma resposta definitiva para o incremento da população carcerária. No entanto, algumas apostas são feitas: "A polícia está funcionando, a população está crescendo e a legislação teve novas tipificações penais. Também houve a transferência de todos os presos que antes ficavam em delegacias. Hoje, toda essa população de detentos está no sistema carcerário".

Márcio ainda indica o fortalecimento do crack como mola propulsora de crimes vinculados ao consumo e tráfico da droga. O diretor relata aumento no número de mulheres que tentam entrar no presídio portando

crack, no período de visitas íntimas: "Temos feito apreensões de crack aqui dentro e na entrada de visitantes. Parte das mulheres que estão presas veio do sistema de visitação do sistema masculino. Foram enquadradas em tráfico de substâncias ilícitas", afirma Márcio.

Os problemas, por menores que sejam, ganham outra dimensão na cadeia. "Um grama de droga dentro do presídio gera um quilo de problemas. A droga gera dívida, que gera cobrança, que aqui dentro significa extorsão", resume. Apesar das brigas e da recente fuga ocorrida, o complexo já contabiliza o período de uma década sem rebeliões, segundo o diretor.

Daniel Ferreira/CB/D.A Press



## JANELA DA COMEIA

A apenas três meses de sair de trás das grades, a moça bonita e de olhos marcantes observa uma das poucas janelas a que tem acesso no presídio feminino de Brasília, a Comeia (no Gama), e pensa em como retomará a rotina depois de cumprir a pena de quatro anos e seis meses em regime fechado. Carla Souza Lívio, 24 anos, passa o tempo tentando adivinhar entre as frestas da cela o que terá mudado no mundo lá fora.

De lá, a mãe de duas meninas pequenas — uma de 6 anos, outra de 5 — não pode ver quase nada por conta das grades e dos concretos instalados sob a ventana. "Dá para ver a pista e um pedaço das chácaras. À noite, vejo luzes dos carros, das ruas e das casas. Sinto

falta do vento, do sol, de andar de ônibus. Se tenho oportunidade, sempre paro para ficar olhando lá fora." Em ambiente tão recluso, até o banho de sol vira novidade. "É nessas dificuldades que a gente aprende a dar valor às coisas pequenas."

Nascida em Brasília, a detenta está a um passo de cumprir em regime semiaberto o restante da pena de 20 anos e oito meses. Ela poderá sair durante o dia e só retornará à cadeia à noite, para dormir. Depois de uma adolescência conturbada, Carla se envolveu com tráfico de drogas, assaltos e um homicídio, por uma dívida de R\$ 900 de entorpecentes.

Agora, tem vontade de recomeçar a vida. Planeja reconquistar a admiração das filhas e quer formar-se em jornalismo ou direito. No entanto, sabe que não será fácil. "Tenho medo da discriminação."

## JANELA DO CAJE

Atrás da porta de ferro, Camila\* observa o pátio. A jovem de 18 anos não esperava passar três anos nas dependências do Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje) do Distrito Federal. Os sonhos eram outros. Se no passado observar a janela da casa em Ceilândia era perda de tempo, porque o interessante era viver o que acontecia na rua, agora, o tempo sobra, mas o pátio de concreto não muda. "Fico olhando, olhando e não noto nenhuma diferença."

Camila chegou ao Caje aos 16 anos e o único sentimento no peito era a raiva. Hoje, evita falar do crime cometido e se limita a dizer: "Fui cúmplice. Quando vi, estava envolvida em algo que não era minha culpa". Camila já cumpriu dois dos três anos máximos de medidas socioeducativas e deve deixar o Caje no fim deste ano. Atualmente, ela estuda pedagogia à noite em uma faculdade no Guará.

Na cela de 4m², a porta de ferro segue inteiriça até a altura do pescoço de Camila. A partir daí, surge uma janela com grades de ferro. Os raios solares entram por esse espaço e desenhavam a sombra das grades na parede. Também trazem o calor, que beira o insuportável. "Daqui, vou levar a experiência e a certeza de que o Caje é uma janela de onde vemos a vida de uma forma diferente."

**\*Em respeito ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o nome e o crime praticado não podem ser divulgados.**

Daniel Ferreira/CB/D.A Press

